

Ampliação e negação do homoerotismo em *O melhor do homem*, de Carlota Zimmerman

Djalma Thürler

Professor Adjunto I – Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Doutor em Literatura Comparada e outras Artes – UFF.

Programa Multidisciplinar de Pós-Graduação em Cultura e Sociedade – UFBA.

Resumo: Este texto pretende, compreendendo com Butler (1990), para quem gênero não é uma categoria fixa e pré-discursiva, mas algo que se constrói por atos repetidos e estilizados pelo sujeito genericado, avaliar como a peça *O melhor do homem*, de Carlota Zimmerman, transgride a ordem compulsória heterossexual quando implode a heteronormatividade de dentro dela própria, o que é feito a partir do macho. Esse talvez seja, do ponto de vista da representação das homossexualidades, o maior mérito da peça, na qual o macho absurdo e doentamente heteronormativo problematiza o quão cruel, nefasta e assassina é a heteronormatividade – o que talvez seja uma das principais razões da emoção produzida ao final do espetáculo.

Palavras-chave: homoerotismo, teoria *queer*, dramaturgia contemporânea, masculinidade

Numa crônica de 2006, Arnaldo Jabor sentencia:

“Eu não queria ver o filme ‘Segredo de Brokeback Mountain’. Não queria. Ver filme de viados, eu? (Escrevo viado porque, como disse Millôr, quem escreve “veado” é viado). (...) O viado sempre encarnou a ambigüidade de nossos sentimentos, (...) eles sempre foram uma fonte de angústia, pois atrapalham nosso sossego, nossa identidade ‘clara’. O gay é duplo, é dois, o viado tem algo de centauro, de ameaçador para a unicidade do desejo. A bicha louca ou o travesti, a biba doída ou o perobo, o boy, o puto, a santa, a tia, a paca, todos eles nos tranquilizavam com suas caricaturas auto-excludentes. Já o gay sério inquieta. O gay banqueiro, o gay de terno, o gay forte, o gay caubói são muito próximos de nos, a diferença fica mínima. E meu susto foi bem outro. O filme não me pedia aprovação alguma para o homossexualismo, (...) trata-se de um filme sobre o império profundo do desejo e não uma narração simpática de um amor ‘desviante’. (...) Merece os Oscars que ganhou. Este filme amplia a visão sobre nossa sexualidade” (JABOR, 2006).

E sua sentença é o nosso ponto de partida, refletir sobre a “ampliação da nossa visão sobre sexualidade” parece-me que, nesse caso, pode ser um caminho privilegiado para entender o homoerotismo como “uma possibilidade que tem certos sujeitos de sentir diversos tipos de atração erótica ou de se relacionar fisicamente de diversas maneiras com outros do mesmo sexo biológico” (FREIRE COSTA, 1992 22). E *O melhor do homem*, pequena peça teatral escrita nos anos 90 pela escritora americana Carlota Zimmerman, pode ser, a esse respeito, um rico objeto de análise.

O dito e o não dito

O *melhor do homem*, de Carlota Zimmerman, é inquietada e provocativa porque, embora reconheça a sexualidade como um dos territórios mais livres de nossa época, discute e denuncia a heteronormatividade conservadora moralista e repressora, dentre outros conceitos, que a “aprisiona” e a coíbe.

O texto volta seus olhos para os *losers* da sociedade americana, para as margens – espaço possível para transgressões e errâncias –. É um duo *outsider* de corpos marcados pela masculinidade nos moldes hegemônicos e põe em revista as fragmentações pelas quais a sociedade pós-moderna e, especificamente, o indivíduo passa nesses últimos 30 anos. Dean e Skyler são dois personagens que ajudam a sociedade a compreender a sexualidade como fenômeno cultural e histórico.

O trabalho duro, a alimentação ruim e a solidão na prisão aproximam o introvertido Skyler do mais expansivo Dean, até que, após muitas fantasias e jogos eróticos, o primeiro, depois de afirmar “*ain’t no queer*”, ou seja, não era nenhum anormal ou bicha, beija Dean delicadamente e diz que o ama, passando do encontro físico ao amoroso para, logo em seguida matá-lo estrangulado.

E é só, no mais *O melhor do homem* é um texto muito preguiçoso, afinal, quem são esses personagens? Nenhuma informação é dada diretamente, nada sabemos sobre a idade ou o aspecto físico; das opiniões políticas ou do passado das personagens. O que as trouxe para uma cela de cadeia? Há quanto tempo estão confinadas?

Seguindo as pistas de Ryngeart, tentaremos organizar, preencher os *buracos* do texto através dos signos que ele nos oferece e perceber que a prática teatral o situa na “encruzilhada das grandes querelas modernas que permeiam a antropologia, a psicanálise, a linguística, a semântica, a história” (UBERSFELD, 2005, XIII) e, por que não, a teoria queer, sobretudo às questões de gênero e de sexualidade suscitadas pela obra.

Discursos intertextuais

A cela da prisão para Dean e Skyler é uma bolha, a bolha, exatamente como fora Tel Aviv para Noam e Ashraf, em *The Bubble*, filme israelita de Eytan Fox, que fez algum sucesso pelas bandas de cá em 2006. Tanto na cela, como em Tel Aviv, o amor entre os dois homens é possível, mas eles sabem que fora, não. A cela/Tel Aviv é o “entre-lugar” onde os sujeitos marginais circulam, um lugar entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão. A “política da guerra palestina” é a política dura e heterossexual do presídio, cenários totalmente adversos e inóspitos à vida e à humanidade. Mas seriam, também, ao amor?

Esse parece ser o recado dos autores, tanto Carlota Zimmerman quanto Eytan Fox são fatalistas quanto a essa possibilidade. Não, o amor não é possível, os conflitos de Ashraf em relação a sua sexualidade, sua família e sua obrigação “sanguínea” falará mais alto, assim como os conflitos de Skyler, como se fosse impossível fugir das tradições, do destino de “macho”, do binarismo sexual, da sua condição de homem.

É por esse prisma que vamos tentar analisar as relações de Dean e Skyler, afinal, a teoria *queer*, como afirma Mário César Lugarinho (2001:36), “tenta dar conta nitidamente do excêntrico em termos de gêneros à medida que parte do princípio de que a orientação sexual difere da identidade sexual e da sua própria sexualidade biológica”.

“O melhor do homem” não pode ser classificada como uma peça engajada na causa *gay*, mas sua escrita revela traços de um homoerotismo latente que pode ser analisado à luz da teoria *queer*. A escrita de Zimmerman “é marcada pela busca da diferença, pelo espaço da diferença, que é também o espaço da identidade. [...] Sua escrita busca o espaço incomum, invulgar, utilizando mesmo o lugar comum para isto” (THÜRLER, 2009). Com base nestas afirmações podemos entender a peça como um espaço em que as identidades como elas estão estabelecidas, duras, herméticas, são postas em xeque. E é nesse conflito que reside o traço que consideramos como *queer* na escrita da autora. Levamos em consideração para o nosso estudo também o conceito de *queer* que nos é dado por Guacira Lopes Louro no livro *Um corpo estranho*:

Queer é tudo isso: estranho, raro, esquisito. *Queer* é, também, o sujeito da sexualidade desviante – homossexuais, bissexuais, transsexuais, travestis, *drags*. É o excêntrico que não deseja ser “integrado” e muito menos “tolerado”. *Queer* é um jeito de pensar e de ser que não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambigüidade, do “entre lugares”, do indecível. *Queer* é um corpo estranho, que incomoda, perturba, provoca e fascina (LOURO, 2004:78).

O extrato colhido a Guacira Louro é sintomático deste debate e permite-nos entender a leitura *queer* do texto como uma leitura dos elementos transgressores, principalmente das falas das personagens, que compõem a peça. Logo na primeira cena, Dean – mesmo (falsamente) contrariado – é submetido a se travestir de mulher para realizar os desejos sexuais de Skyler:

(UMA CELA DE PRISÃO. DEAN E SKYLER ESTÃO FAZENDO CENAS, REPRESENTANDO. DEAN FAZ O GÊNERO SEXY E PROVOCANTE. SKYLER FAZ O GÊNERO ARROGANTE, INTIMIDADOR, TIPO “CHARMOSO AGRESSIVO”).

DEAN (MISTO DE RECATADO E PROVOCANTE, SEM ESTAR REALMENTE RECLAMANDO) –
Por que eu tenho de ser a garota?

SKYLER – *Porque as suas pernas são mais gostosas do que as minhas. Agora pára de falar e faz a cena! (PAUSA). Pronto?*

DEAN – *Espera um pouco – onde é que a gente está?*

SKYLER (EXCITADO) – *Em Manhattan, coração. Na Times Square. O lugar onde as coisas acontecem. É um dia de verão. Está sentindo o calor?*

DEAN (IMPASSÍVEL, SORRINDO LIGEIRAMENTE) – *Vamos nessa!*

Nessa cena metalinguística (porque as personagens representam uma representação), as ideologias fogem ao senso comum e conduzem a uma reflexão sobre a sexualidade das personagens podendo apontá-las como certa estratégia estética utilizada pela autora para personificar idéias de um modelo que foge à lógica carcerária se posicionando à margem de tal lógica cultural dominante. A fantasia, nesse caso, tem certo sentido metafórico, pois soma o papel imaginado com os papéis da vida cotidiana, mas com um desejo escondido. É “uma crítica pontual sobre o sistema hegemônico falocrático” e logo na primeira cena evidencia o aspecto *queer* de sua narrativa.

Queer também, por ocuparem a margem, por estarem fora do movimento da vida, fora dos limites comuns impostos pela sociedade, como bem atesta outra personagem *queer*, a Dama da noite, de Caio Fernando Abreu, excluída de qualquer roda por sua experiência, falta de ingenuidade, por possuir maior conhecimento do que é procurado e desejado neste universo de prazeres, ou como lembra Foucault, nesses “laboratórios de experiências sexuais” (*apud* FÍGARI & DÍAZ-BENÍTEZ, 2009, 25), nos jogos e tensões mais intensos que podem causar uma satisfação maior. No universo real em que estão inseridos Dean e Skyler são os sujeitos (da sexualidade) desviantes, aqueles que fogem às regras sociais vigentes, os que estão fora da *roda* – vista aqui como o padrão socialmente estabelecido dominante.

Zimmerman em seu texto joga com uma dicotomia normal/estranho utilizando recursos metafóricos, tais como a personificação, que percorrem todo o texto. Joga, também, com a sexualidade desviante e suas nuances, brinca com o imaginário da “masculinidade”.

O melhor do homem, como outros textos da literatura, tais como a protagonista do conto *A dama da noite*, ou como os personagens de *The Buble* se prendem a ilusão do “amor verdadeiro” para poder sobreviver. Só que esse amor é proibido, pois eles não podem tocar o corpo do outro. E essa impossibilidade gera uma angústia insuportável, uma vez que eles, ali dentro, estão impossibilitados de consumarem o amor que tanto buscam por causa do vírus da AIDS.

As personagens de *O melhor do homem*, em todos os seus aspectos, revelam esses traços *queer* que são o elemento de transgressão da peça. Representam o sujeito que se opõe a uma ordem pré-estabelecida, que se recusam a obedecer a qualquer modelo imposto por uma sociedade machista, hipócrita e conservadora. Zimmerman desconstrói e transgride padrões de pensamento, tabus da sociedade, mas sucumbe, quando no final “a bolha” fissura.

Um amor que não pode ser declarado e tem como lugar o segredo, o armário, a “prisão”, a morte. O estrangulamento estabelece a vitória da ideologia dominante, mas, também, em contrapartida, o questionamento dos modelos estabelecidos, que permitem uma reflexão crítica sobre o lugar do sujeito na sociedade atual. Assim, a peça retoma o tema do amor proibido, mas o enriquece por confrontar os sentimentos dos protagonistas não com restrições circunstanciais, mas com toda a ordem social heteronormativa que os rejeita.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero – Feminismo e subversão de identidade*. Tradução: Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

FÍGARI, Carlos & DÍAZ-BENÍTEZ, María Elvira. *Sexualidades que importam: entre a perversão e a dissidência*. In: *Prazeres dissidentes*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009.

FREIRE COSTA, Jurandir. *A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomás Tadeu da Silva. & Guacira Lopes Louro (sic). Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

JABOR, Arnaldo. *'Brokeback' é um filme sobre heróis machos*. O Globo, 07 de março de 2006.

LOURO, Guacira Lopes (org.). *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LUGARINHO, Mário César. “Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa”. In: *Gênero*. v.1, n.2. Niterói: EdUFF, 2001. p. 3340.

RYNGAERT, Jean Pierre. *Introdução à análise do teatro*. Tradução: Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

THÜRLER, Djalma. *Projeto de encenação da peça “O melhor do homem”*. Texto inédito. 2009.

UBERSFELD, Anne. *Para ler o teatro*. Tradução: José Simões. São Paulo: Perspectiva, 2005.

ZIMMERMAN, Carlota. *O melhor do homem*. 1986.